

## Hipnotismo ao pôr-do-sol



© Luiza Guadagnini

**R**elative calm foi criado originalmente por Robert Wilson e Lucinda Childs em 1981. E em 2021, com os teatros fechados devido à pandemia, os dois 'monstros sagrados' da cena moderna recolheram-se em Toulouse para

realizar uma nova versão desta peça de dança. Visitando ambientes musicais tão distintos quanto os de Jon Gibson (*Rise*), Igor Stravinsky (*Pulcinella suite*), e John Adams (*Light over water*), em *Relative calm* a dupla de criadores

norte-americanos cria uma verdadeira máquina hipnótica assente no movimento, no som e na luz.

O encenador Robert Wilson (Texas, 1941) e a coreógrafa Lucinda Childs (Nova Iorque, 1940) – que nos anos 70 protagonizaram, juntamente com artistas como John Cage, Philip Glass ou Merce Cunningham, a vanguarda artística norte-americana – haviam colaborado em 1976 na lendária ópera de Glass *Einstein on the beach*. *Relative Calm* consiste agora, por sua vez, num novo espectáculo interdisciplinar que, segundo a coreógrafa, “combina o velho com o novo”, reunindo música, arte visual, teatro e dança.

O cenário, a luz e a encenação são assinados por Bob Wilson, ao passo que a coreografia (interpretada por 12 bailarinos da companhia romana MP3 Dance Project) é de Childs.

O título desta criação tem um valor sentimental: é igual ao de uma peça que a coreógrafa apresentara em 1981 no espaço da vanguarda

nova-iorquina chamado *The Kitchen*, para a qual Bob Wilson assinou o desenho de luz. “Quando começámos a pensar numa nova criação”, conta o encenador, “na altura do *lock down* motivado pela pandemia, este título surgiu-nos de novo”. Dessa peça original foi retomada *Rise* – a composição musical de Jon Gibson, que passou a abrir *Relative Calm*, com uma nova coreografia de Childs –, assim como *Light Over Water*, de John Adams.

Como contraponto a estes dois compositores contemporâneos foi escolhida a peça *Pulcinella*, de Stravinski. Robert Wilson explicita que “este artista pertence a um mundo muito diferente do meu, o que o torna estruturalmente interessante para mim. Respeito-o, mas enceno-o à minha maneira. *Relative Calm* está construído como um relógio que mede o tempo, e a sucessão das horas. É como apreciar um pôr-do-sol: cada instante é diferente”. Amanhã e depois, no Centro Cultural de Belém.

## Nadj traz-nos a dança ainda antes de ser dança

**J**osef Nadj, uma presença habitual no Festival, apresenta amanhã no Palco Grande (com transmissão na RTP2) *Full Moon* – a segunda parte de um díptico iniciado em 2022 com *Omma*, no qual participa o mesmo grupo de bailarinos africanos provenientes do Mali, Senegal, Costa do Marfim, Burkina Faso e Congo.

No percurso de Josef Nadj, a criação de *Ooma* constituiu uma ruptura radical. Foi a primeira das suas peças em que não dançou. A primeira montada num palco vazio. A primeira que não se fundia nem fazia referência à obra de qualquer escritor ou artista plástico. A primeira em que decidiu ter um conjunto completamente novo de intérpretes – oito bailarinos africanos com quem nunca tinha trabalhado. Essa escolha corresponde à intenção fundadora da peça: confrontar-se com um continente sonhado, ainda inexplorado. Um continente ‘imaginário’, em suma. Nessa criação o coreógrafo

fez tábua-rasa, procurando regressar às origens da dança, do movimento, e, de alguma forma, entrever assim as nossas origens. Com *Full Moon*, Nadj dá mais um passo em direcção ao desconhecido. A lua, invocada para o título desta sua nova criação, faz referência ao cosmos, à formação do Universo, a essa história que antecipa e funda as origens da Humanidade. Associada à renovação e à transformação, com o seu ciclo de 28 dias e as suas quatro fases, a lua traz a esta nova peça uma espécie de estrutura rítmica, como uma pauta.

Em entrevista ao jornal *La Terrasse* a propósito da estreia desta peça, no final do mês passado, Josef Nadj afirmou que: “Durante a digressão de *Ooma* conversámos bastante sobre os temas que tínhamos abordado durante os ensaios, e das matérias que aflorámos mas acabámos por não desenvolver. O grupo tinha imensa vontade de continuar com essa troca mútua, e eu também. Sentia que poderia-

mos aprofundar essa pesquisa de um ritual contemporâneo. À medida que o trabalho para a criação de *Full Moon* se desenvolvia, surgiu-me a figura de uma marioneta. Ao mesmo tempo, cresceu em mim a vontade de estar no palco com os bailarinos, o que é normal, uma vez que participei directamente em

todas as minhas peças, excepto em *Ooma*. Então, acabei por assumir o papel dessa marioneta. Ao passo que na criação anterior dirigia os intérpretes através da palavra, a pesquisa neste novo trabalho centrou-se mais em redor do corpo. Durante o processo de criação influenciámo-nos mutuamente.



# Abril cartografado

A Conversa de ontem teve por convidado Ricardo Simões, criador e intérprete de *Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*. Que explicou que, na base de tudo, esteve o embate provocado pela leitura da biografia do Capitão de Abril, à qual se vieram a juntar questões de identidade – como pessoa, como artista, a própria história familiar – e de percurso – a insatisfação face ao modo simplista como o 25 de Abril é ensinado, a pressa com que esse capítulo lhe foi ensinado na escola.

Desse 'caldo' concebeu uma dramaturgia que se foi tornando sempre mais despojada e depurada até chegar ao palco negro e vazio de início ao fim, com um actor (ele)



© Patrícia Poço

no centro: um processo que classificou de "duro, desafiador e prazeroso" e que deixa espaço a que cada espectador "construa o que não está lá, faça a sua peça".

A junção dos diálogos com o público permitiu-lhe, por outro lado, "explorar as fronteiras da ficção e da realidade, que muito me interessa". De que resulta um espectá-

culo, que "quanto mais o faço, mais motivos encontro para continuar a fazê-lo". Referiu-se ainda ao site *cartografia.online*, onde são preservadas todas as contribuições, intervenções, histórias, testemunhos trazidos por elementos do público nas sucessivas apresentações deste monólogo dialogado.

Bernardo Mariano

## Um saco de ideias para viver mais

Na 3.ª sessão do curso *O sentido dos Mestres*, Rui Cardoso Martins deu continuidade à 'revista' de peças e autores (iniciada no dia anterior) que, em sua opinião, deveriam fazer parte da biblioteca básica de um qualquer aspirante a dramaturgo.

De Gorki e Ibsen a Sarah Kane e David Mamet, todas essas referências foram contudo usadas enquanto exemplos do tratamento das personagens, das técnicas empregues, dos tipos de linguagem, do tom geral, etc., ou seja, de como a boa literatura pode também servir de 'saco de ideias', de personagens, de situações, de soluções. Porém, sem nunca perder de vista

o lado do 'vívido': o conselho de "viver mais" de Rui Cardoso Martins significa também dar significado ao que nos acontece, ao que vemos, ouvimos e apercebemos, e usá-lo (transformado) naquilo que escrevemos.

Recomendações e/ou conselhos vários foram também pontuando a floresta de referências literárias. Em relação a personagens: "Em situações dramáticas, não transformar as personagens em 'coitadinhos' e 'inocentinhos' – todos têm virtudes e defeitos"; ao conteúdo subliminar: "Um bom discurso pode criticar a sua época, sendo embora ambientado noutra"; à 'tirada': "Quando escrevemos uma

frase grandiloquente, devemos ter consciência das consequências dessa mesma frase"; o arco dramático: "Só acredito numa peça, num poema, numa crónica, quando existe uma 'viagem mental', quando o final nos dá algo de diferente do início, fazendo que algo se 'eleve' em nós"; sobre o início: "Não se preocupem de mais com 'como começar?': a peça pode abrir já em movimento"; o estilo: "O dramatismo pode ser criado com meios muito reduzidos – até com monossílabos"; ou ainda algo tão (aparentemente) simples, como: "Não tenham medo dos lugares-comuns".

Bernardo Mariano

## Uma sala para os Artistas Unidos

Por iniciativa de um grupo de espectadores do Festival, está a decorrer um abaixo-assinado exigindo uma sala para os Artistas Unidos. Os AU foram fundados em 1996, por Jorge Silva Melo, tendo o primeiro espectáculo estreado no Festival de Almada: *Prometeu – rascunhos*. Como é sabido, esta companhia está na imi-

nência de ser despejada. As suas instalações – o Teatro da Politécnica – eram já de si provisórias, não sendo conhecida até ao momento qualquer alternativa que proporcione aos criadores e ao seu público a fruição cultural a que têm constitucionalmente direito.

Este abaixo-assinado será entregue ao Presidente da Câmara

Municipal de Lisboa, estando as assinaturas a ser recolhidas desde ontem à noite, nos vários espaços em que o Festival decorre. Também é possível assiná-lo na recepção do TMJB, ou na banca do Festival, na Esplanada. Os AU são uma das companhias portuguesas que mais participou no Festival: em 22 edições, desde 1996.

## Nadj na RTP

Este ano o Festival estabeleceu uma parceria com a RTP para a transmissão de espectáculos apresentados em Almada. Este acordo inclui a gravação da peça da CTA, *Além da dor* (a ser futuramente transmitida na estação pública), e a emissão de *Full Moon*, do coreógrafo Josef Nadj (amanhã às 22h53, na RTP2).

### DEIXA DO DIA

**"É muito confuso viver neste mundo, e as pessoas como nós, do teatro, podem proporcionar alguma clareza e propósito".**

In *Remédio*, de Enda Walsh

### AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Curso de formação  
**O Sentido dos Mestres, com Rui Cardoso Martins**  
Salão das Carochas

18:00 | Colóquio  
**Cucha Carvalho**  
Escola D. António da Costa

20:30 | Música  
**Asteria**  
Escola D. António da Costa

21:00 | Dança  
**Relative Calm**  
Centro Cultural de Belém

22:00 | Dança  
**Full Moon**  
Escola D. António da Costa

### RESTAURANTE DA ESPLANADA

#### HOJE

Salsicha brasileira com lentilhas  
Pescada à poveira  
Salada de melancia e queijo feta

#### AMANHÃ

Lasanha de carne  
Peixe frito com arroz de gelos  
Arroz *thai* com feijão e aipo